



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Ideologia e imaginário na polarização política: a Batalha da Maria Antônia nas páginas de *Folha de S. Paulo* e *O Globo*¹² **Ideology and imaginary in political polarization: the Battle of Maria Antonia in the pages of *Folha de S. Paulo* and *O Globo***

Luana Chinazzo Müller³

Resumo: O presente artigo tenciona recuperar a narrativa da “Batalha da Maria Antônia”, episódio de violência e incivildade protagonizado por estudantes da Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Mackenzie. Para isso, debruça-se nos impressos *O Globo*, um dos maiores do Brasil e objeto de estudo de mestrado da autora, e *Folha de S. Paulo*, principal veículo do estado onde o evento ocorreu, desvelando o imaginário da polarização política e ideológica. Nossa fundamentação teórica baseia-se nos estudos sobre imaginário e sua relação com a ideologia de Juremir Machado da Silva (2003; 2017) e Michel Maffesoli (2011). Para desenvolver a análise, usamos as *Narrativas do vivido* (Silva, 2003; 2010) como procedimento metodológico.

Palavras-chave: Ideologia; Imaginário; Batalha da Maria Antônia; Ditadura militar; jornalismo impresso.

Abstract: This article intends to recover the narrative of the "Battle of Maria Antonia", an episode of violence and incivility carried out by students from the University of São Paulo (USP) and Mackenzie University. In order to do this, it focuses on the newspapers *O Globo*, one of the largest in Brazil and object of a master's study of the author, and *Folha de S. Paulo*, the main newspaper of the state where the event occurred, unveiling

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.

² Esta pesquisa é parte dos resultados da dissertação “Conjuntura política brasileira em 1968: o real e o imaginário na narrativa jornalística de *O Globo*”, orientada pelo Prof. Dr. Juremir Machado da Silva e aprovada em 7 março de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

³ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na PUCRS. Bacharel em Jornalismo pela Unisinos. E-mail: luachinazzo@gmail.com.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

the imaginary of political and ideological polarization. Our theoretical foundation is based on the studies about imagery and its relation with the ideology of Juremir Machado da Silva (2003; 2017) and Michel Maffesoli (2011). In order to develop the analysis, we used the narratives of the lived (Silva, 2003; 2010) as a methodological procedure.

Keywords: Ideology; Imaginary; Battle of Maria Antonia; Military dictatorship; printed journalism.

1 A batalha dos jovens

Mil novecentos e sessenta e oito foi um ano emblemático, que, apesar de ser lembrado pelo mês de maio, reuniu lutas sociais de janeiro a dezembro ao redor do mundo. O período foi, sobretudo, marcado por uma revolução cultural antiautoritária. Questionou-se toda e qualquer forma de autoridade, nas escolas e universidades, na política e nos lares. Foram dias de rupturas, de inflexão, de efervescência. Foi tempo de contestar processos sociais e mexer em temas profundos, tentando arrancar as raízes do conservadorismo. Muitos dos temas seguem em pauta ainda hoje, como o feminismo e o racismo, outros foram tão assimilados que tendem a parecer que foi sempre assim, por exemplo, no caso da libertação sexual.

No Brasil, o ano foi protagonizado por jovens que viam os valores se modernizarem ao redor do mundo, enquanto, no país, assistiam ao progressivo fechamento político. Viveu-se um conflito de gerações, como no restante do globo, mas respirou-se política. Para os estudantes militantes, todo espaço era arena de debate e todo o assunto era questão de luta. Muitos acreditavam que ser politizado era ser antiautoritário, denunciar permanentemente o governo e o imperialismo, se mobilizar incessantemente. Mas essa não era a opinião de todos. Assim como a Guerra Fria polarizava o mundo – entre países que apoiavam os Estados Unidos e uma orientação capitalista e os que se identificavam com o ideal comunista defendido pela União



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Soviética – também os jovens se dividiam. Enquanto uma parcela pedia o fim da ditadura, outra concordava com o sistema vigente, seja pela proximidade com o governo – por exemplo, participando de programas como o Projeto Rondon – ou por defendê-lo.

Em solo brasileiro, 1968 iniciou com o assassinato de Edson Luís de Lima Souto por policiais militares durante um confronto entre as autoridades e os estudantes em um restaurante universitário no Rio de Janeiro. Apelidado de Calabouço, o restaurante servia comida popular a secundaristas e universitários que não tinham onde comer, geralmente vindos do interior. No dia 28 daquele mês, um protesto de jovens que frequentavam o lugar pedindo melhores estruturas foi repreendido pelas forças policiais, que consideravam o prédio um ponto de encontro de agitadores e estudantes organizados. No enfrentamento, um aspirante da Polícia Militar (PM) revidou as pedras dos jovens com um tiro que acertou o peito de Edson Luís. O rapaz de 17 anos era secundarista, migrara do norte do país e frequentava o Calabouço por causa de sua pobreza, e não por posições políticas. (Ventura, 2013; Gaspari, 2014).

A morte de Edson foi o começo de uma sequência de episódios violentos por parte de civis, que manifestavam, e policiais, que repreendiam, e culminou na promulgação do Ato Institucional n. 5 (AI-5). Entre a população, muitos apoiaram os estudantes em momentos como a "sexta-feira sangrenta" – 21 de junho de 1968, quando o centro do Rio de Janeiro transformou-se em campo de batalha entre o povo e a polícia –, mas outros compraram o discurso anticomunista e voltavam-se contra os manifestantes. O conservadorismo não emanava apenas dos mais velhos, muitos jovens também apoiavam o regime instaurado. Apesar de aquele ano ter sido marcado pelo ímpeto de mudança dos jovens, o sentimento não era unânime entre eles. Essa divergência marcou um dos episódios mais extremos de 1968 no Brasil. Nos dias 2 e 3 de outubro daquele ano, os alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e os também universitários da vizinha Mackenzie se enfrentaram na Rua Maria Antônia, endereço dos campi. (Perrone, 1988; Ventura, 2013).

Com armas de fogo, bombas de fabricação caseira e pedras, estudantes de esquerda e de direita se confrontaram por horas a céu aberto. Na Universidade



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Mackenzie, jovens da classe alta paulistana participavam de grupos de direita e extrema-direita, como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC). Já a Faculdade de Filosofia tinha história na formação de líderes da esquerda. A rivalidade entre as duas escolas era antiga, mas naquele outubro alcançou proporções inimagináveis, resultando em um prédio queimado, o da Filosofia, muitos feridos e um morto a tiro – José Guimarães, de 20 anos, assassinado por um membro do CCC. (Perrone, 1988; Ventura, 2013; Gaspari, 2014).

"Os membros do CCC eram rapazes bem treinados em artes marciais e recebiam ajuda da polícia. Sempre havia policiais no meio deles. Já o pessoal da Filosofia era despreparado, e a faculdade tinha um grande número de moças", recorda Perrone (1988, p. 126). José Dirceu, líder estudantil do período, em entrevista para Ventura (2013, p. 211), relata versão semelhante: "'Eles tinham carabina e metralhadora', contaria Dirceu, 'e nós tínhamos apenas foguetes, pedras e molotov'". Para Ventura (2013), na "Guerra da Maria Antônia" (Perrone, 1988, p. 128), a direita impôs sua postura ao movimento estudantil, até então marcado pelos ideais de esquerda. O confronto foi um ensaio da repressão que estava por vir.

Posto isto, este artigo tenciona recuperar a narrativa desse episódio de violência e incivilidade nos jornais *O Globo*, um dos maiores impressos do Brasil e objeto de estudo de mestrado da autora, e *Folha de S. Paulo*, principal veículo do estado onde o evento ocorreu, e desvelar o imaginário da polarização política e ideológica. Nossa fundamentação teórica baseia-se nos estudos sobre imaginário e sua relação com a ideologia de Juremir Machado da Silva (2003; 2017) e Michel Maffesoli (2011). Para desenvolver a análise, usamos as *Narrativas do vivido* (Silva, 2003; 2010) como procedimento metodológico.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

2 A batalha ideológica e o imaginário da batalha

Partimos da premissa que a pesquisa científica deve trazer à tona o que está submerso, que deve revelar, ou ainda, desvelar, ou seja, “[...] tirar o véu que encobre o objeto”, mostrar o que não pode ser visto na superfície (Silva, 2010, p. 29); que só há uma “pro-dução” quando o pesquisador consegue des(en)cobrir o (en)coberto; e que para isso é preciso “identificar as camadas de imaginário no real (no vivido ou plasmado numa obra simbólica) e as camadas de real num imaginário (as marcas do concreto redimensionado simbolicamente)” (Silva, 2010, p. 30). Essas afirmações compõem a noção de *narrativas do vivido*, método que pensa a pesquisa como um meio de recobrimento do objeto estudado, que busca revelar o que a familiaridade esconde.

Nesta pesquisa, adotamos a concepção de jornalismo como uma tecnologia do imaginário para descrever a atuação da narrativa jornalística analisada na produção de imaginários. As tecnologias do imaginário são dispositivos “[...] de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (Silva, 2003, p. 22), que estabelecem o laço social, e constroem e cristalizam sentidos. Elas alimentam as bacias semânticas, irrigam os trajetos antropológicos, enraízam o afetivo e o simbólico. O autor pensa a contemporaneidade, ou a pós-modernidade, a partir da perspectiva de sociedade do espetáculo (Debord, 2017), na qual as tecnologias do imaginário transcendem seu caráter informativo, povoando o universo mental. As TIM pressupõem sedução e adesão, não manipulação ou controle. “Mesmo estimulado por tecnologias, o imaginário guarda uma margem de independência total, de mistério, de irreducibilidade, de fictício, de inútil, e nunca se reduz ao controle absoluto do agente tecnológico emissor”, ressalta Silva (2003, p. 57).

Apesar da semelhança, imaginário não é o mesmo que ideologia, que é principalmente baseada em escolhas racionais. O imaginário é permeado pelo lúdico, pela fantasia, pelo emocional. É uma fonte de impulsos que mistura o racional e o não-racional (Silva, 2003).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra – estátua, pintura –, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário. (Maffesoli, 2011, p. 75).

Silva (2017) resgata as contribuições do marxista Louis Althusser (1980) para aprofundar a discussão sobre a relação entre imaginário e ideologia. Para Althusser, a ideologia seria uma “construção imaginária”, ou ainda, “pura ilusão”. A partir disso, o francês trabalha com duas teses sobre ideologia: I) “A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (Althusser, 1980, p. 77); II) “A ideologia tem uma existência material” (Althusser, 1980, p. 83). Com isso, o autor afirma que, embora seja uma ilusão, a ideologia faz alusão à realidade, tornando possível sua interpretação, e que se realiza por meio de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) e nas suas práticas.

O indivíduo em questão conduz-se desta ou daquela maneira, adota este ou aquele comportamento prático e, o que é mais, participa em certas práticas reguladas, que são as do aparelho ideológico de que “dependem” as ideias que enquanto sujeito escolheu livremente, conscientemente. [...] Em todo este esquema verificamos, portanto que a representação ideológica da ideologia é obrigada a reconhecer que todo o “sujeito”, dotado de uma ‘consciência’ e crendo nas “ideias” que a sua “consciência” lhe inspira e que aceita livremente, deve “agir segundo as suas ideias”, deve portanto inscrever nos actos da sua prática material as suas próprias ideias de sujeito livre. (Althusser, 1980, p. 86-87).

Uma das formas desses Aparelhos Ideológicos de Estado, segundo Althusser (1980), é a mídia. Aceitarmos essa perspectiva não anula a compreensão dos meios de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

comunicação como tecnologias do imaginário. Ou contrário, podemos considerar que a mídia produz ambos, ideologia e imaginário, ao mesmo tempo. Silva (2017), ao expor essa premissa, ainda afirma que “quando a indução midiática funciona, o imaginário vira ideologia”. A diferença é que, como aparelho ideológico, a mídia regula comportamentos, prescreve com objetivo de reproduzir o estado das coisas. Já como tecnologia do imaginário, ela tem papel de motor social, contaminado com seu excedente de significação. O imaginário não busca, necessariamente, a reprodução de determinado estado ou encobrimento da realidade, podendo, inclusive, ser um ponto de ruptura. (Silva, 2017).

3 A batalha nas páginas dos jornais

Para recobrir o acontecimento, optamos por olhar dois dos mais tradicionais jornais brasileiros, *O Globo* e *Folha de S. Paulo*. Em 1968, assim como hoje, ambos estavam entre os impressos de maior tiragem, com grande influência em seus estados e no país como um todo. Nosso *corpus* compreende as edições dos dias 3 e 4 de outubro, dias seguintes ao evento. O jornal de São Paulo narra a “batalha” a partir de uma fotolegenda na capa do dia 3 de outubro, seguida de uma matéria de uma página. No dia seguinte, a manchete destaca a morte do estudante José Guimarães em novo conflito dos estudantes. Uma reportagem ocupa duas páginas da publicação. Já o impresso carioca, a capa ao acontecimento apenas no dia 4 de outubro, junto com uma matéria mais aprofundada do que o texto publicado no dia anterior, abordando o segundo dia de violência.

3.1 A batalha em *O Globo*

Na edição de 3 de outubro, dia seguinte ao primeiro dia de conflito, *O Globo* informava: “Estudantes se ‘guerreiam’ em São Paulo”. Sobre o início do conflito, enquanto os universitários da Filosofia teriam alegado que “os mackenzistas foi que se



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

intrometeram com os secundaristas”, que cobravam pedágio, os alunos da Mackenzie “fazendo questão de não responsabilizar ninguém diretamente pelo incidente, defendem-se, recordando que os ânimos ficaram muito exaltados desde que, na quinta-feira da última semana, os alunos da Filosofia promoveram a depredação do auditório Rui Barbosa da Faculdade de Direito”. A matéria afirma que quando a polícia interveio os alunos da Mackenzie estavam em vantagem, mas que no decorrer do combate houve alternância (*O Globo*, 3 out. 1968, p. 3).

Para compensar a desvantagem, pelo menos quanto ao número de atiradores, os alunos da Filosofia tinham uma fonte inesgotável de ‘munição’, num edifício em construção do outro lado da rua, e o eficiente trabalho das moças que, na retaguarda, providenciavam a quebra e distribuição dos tijolos em pedaços (*O Globo*, 3 out. 1968, p. 3).

Este primeiro texto expõe que seis pessoas ficaram feridas sem gravidade. Já a capa do dia 4 de outubro apresenta a manchete: “Guerra de rua entre estudantes de São Paulo acaba com um morto”. A reportagem da página 3 narra que um estudante, José Guimarães, de 20 anos, foi morto e dois outros ficaram gravemente ferido. O jornal esclarece que havia uma guerra antiga entre os alunos da USP e os da Mackenzie por causa de suas posições ideológicas. O conflito teria iniciado quando alunos da Mackenzie atiraram ovos em alunos da USP, que faziam pedágio entre as duas faculdades para levantar fundos para União Brasileira de Estudantes Secundários (UBES). Os alunos da filosofia da USP “compraram a briga”, tendo ocorrido um primeiro conflito e este último “em proporções mais trágicas”. Segundo o veículo, cerca de cem estudantes da USP abandonaram a batalha para fazer uma passeata “armados de paus, pedaços de ferro e pedras, exigindo dinheiro dos motoristas dos carros que passavam, sob a alegação de que precisavam de fundos para enterrar estudante assassinado”, o impresso cita uma lista de depredações que teriam sido feitas pelos estudantes. Um aluno de direito da Mackenzie teria sido raptado pelo Comando de Caça aos Comunistas (CCC), não fazendo muito sentido, já que o grupo era composto por estudantes da própria faculdade privada. No final, 35 estudantes foram presos. O



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

impresso relata, ainda, que a família do estudante morto “concordou em entregar o corpo do jovem para os estudantes para que façam o velório e enterro. A solicitação teria partido do líder José Dirceu, que desejaria “repetir em São Paulo os mesmos acontecimentos do Rio” (*O Globo*, 4 out. 1968, p. 3).

Outro texto, na mesma página, informa que os estudantes da Mackenzie tentaram incendiar a Faculdade de Filosofia que “foi alvo, por mais de uma hora, da depredação dos mackenzistas, que queriam, a todo custo, destruir o ‘reduto comunista’, como chamavam a escola superior da UFSP”. Apesar da violência e das depredações, as tropas de choque assistiram ao conflito “tranquilamente à espera de ordens superiores” para intervir. Em nota oficial, Abreu Sodré argumentou que o governo estadual tentou “encontrar solução conciliatória para a crise, evitando assim a intervenção policial”, mas com a “evolução dos acontecimentos” determinou “o isolamento da área em conflito, a ocupação incontinente de ambas as faculdades e a repressão com todo o vigor às violências cometidas” (*O Globo*, 4 out. 1968, p. 3). Entretanto, as matérias sobre o acontecimento não mencionam interferência das forças policiais, sempre dispostas a reprimir movimentos de oposição ao regime. Apesar da abertura de um inquérito policial, segundo Sodré, o caso não foi mais mencionado por *O Globo*.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

GUERRA DE RUA ENTRE ESTUDANTES DE SÃO PAULO ACABA COM 1 MORTO



Num banco de jardim transformado em maca, um estudante é conduzido pelos companheiros para ser socorrido, durante a batalha, após ser gravemente ferido por um "coquetel molotov". Na foto foram empregadas, segundo a polícia, 66 "coquetéis", além de bombas de gás e pau.

ANO XLIV - Rio de Janeiro, 6.ª-Feira, 4 de outubro de 1968 - N.º 13 010

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Editor-Chefe: ROBERTO MARINHO

Diretor-Executivo: HERBERT JÓSES

Diretor-Administrativo: RICARDO MARINHO

Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

Atingido por uma bala na cabeça durante tiroteio travado ontem nas ruas de São Paulo entre alunos da Faculdade de Filosofia da USP e da Mackenzie, o estudante José Guimarães, de 20 anos, morreu no Hospital das Clínicas antes de ser medicado. Dois outros foram feridos e estão em estado grave. Após a batalha — motivada por antiga rixa: os alunos da USP são considerados "de esquerda", os da Mackenzie "de direita" —, estudantes da primeira saíram em passeata, promoveram comícios e pichamentos, enfrentaram tropas da Força Pública e depredaram, viraram e incendiaram inúmeros carros oficiais. A Delegacia de Ordem Política e Social e a Polícia Federal entraram em prontidão, e houve 35 prisões. O universitário João Parisi teria sido raptado pelo Comando de Caça aos Comunistas (CCC). A família do jovem morto entregou o cadáver aos estudantes e o velório será na Cidade Universitária. (Pag. 3)

Pânico e morte na batalha do México



Fonte: *O Globo*, 4 out. 1968, capa.

3.2 A batalha na *Folha de S. Paulo*

Por sua vez, o jornal local ao acontecimento, *Folha de S. Paulo*, apresenta uma grande foto do conflito na capa do dia 3 de outubro com a seguinte legenda: “Estudantes da Filosofia-USP lançam pedras contra alunos da Mackenzie, no interior desta escola, durante um conflito que durou três horas, ontem de manhã, na Rua Maria Antônia, e no qual foram feridos jovens de ambos os lados” (*Folha de S. Paulo*, 3 out. 1968, capa). No interior da publicação, um texto e algumas outras fotos ocupam quase a totalidade da página 17. As imagens apresentam legenda que informa que os jovens fotografados atirando pedras são estudantes da USP, enquanto os da Mackenzie são os que aparecem “acuados”. Dividida em subtítulo, a matéria informa que o confronto iniciou por causa do pedágio organizado pelos jovens da universidade pública. “A causa de tudo foi, segundo a direção da Mackenzie, do pedágio odioso que os estudantes fazem na rua Maria Antônia, interrompendo o trânsito e agredindo os motoristas que não contribuem”



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

(*Folha de S. Paulo*, 3 out. 1968, p. 17). A declaração é atribuída à reitora da instituição privada e ao diretor do Instituto Mackenzie. O texto ainda fala sobre os estudantes que “defenderam o Mackenzie” e que tiveram que permanecer no prédio para “evitar novas investidas surpresas” (*Folha de S. Paulo*, 3 out. 1968, p. 17).

No final da matéria, sob o subtítulo “DOPS: Mackenzie não quis que Filo-USP cobrasse pedágio”, a voz é dada ao delegado do DOPS, Alcides Bueno Filho, que reforça o motivo da briga e afirma que seis estudantes ficaram feridos, “entre eles dois do Mackenzie”, citando nomes. Não é dada voz aos universitários da USP e nem citados os nomes dos feridos daquele lado. O relatório do delegado, ao qual o jornal teve acesso, afirma que um homem que não estudava em nenhuma das faculdade foi preso ajudando os mackenzistas, corroborando a informação historiográfica de que esses alunos tinham ajuda externa (*Folha de S. Paulo*, 3 out. 1968, p. 17).

Na capa do dia 4 de outubro, após um novo confronto entre os jovens, a *Folha de S. Paulo* informa “Jovem morto; depredações na cidade”. Ao lado de uma foto de um carro tombado (e aparentemente incendiado) e de outra em que moços carregam uma pessoa desacordada, possivelmente o rapaz morto, um texto conta que o secundarista José Guimarães de 20 anos foi morto durante mais de 10 horas de conflitos. O tiro foi “aparentemente disparado do edifício da Mackenzie”. Ainda, narra a passeata dos alunos da USP após a fatalidade, a qual teria sido “marcada pela violência”. Finaliza afirmando que o enterro está marcado, mas que “os estudantes da USP pretendem adiá-lo para transformá-lo em protesto” (*Folha de S. Paulo*, 4 out. 1968, capa).

A página 12, apresenta um mapa da rua Maria Antônia com a localização das instituições e flechas que explicam as movimentações dos estudantes. Três fotos, mostram o conflito. O gancho da reportagem é a morte de Guimarães, que foi atingido com um tiro na cabeça. Outros três universitários foram feridos a bala e muitos outros a pedradas. O jornal fala em “batalha campal” e “luta”. Os acontecimentos são narrados em ordem cronológica, com seus horários: o início e desenrolar da violência, a passeata e as depredações – atribuídas à USP –, a intervenção da polícia – que teria sido agredida pelos jovens –, a morte do estudante, a prisão de um membro do CCC e o fogo no



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

prédio da Filosofia. O relato apresenta os jovens da universidade pública como quem ataca e os da privada como quem se defende. José Dirceu, presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE) e aluno da USP é protagonista, seu nome e suas ações são citadas em diversos trechos do textos. Uma parte da matéria foca na vítima, quem era Guimarães e qual era sua participação na confusão (*Folha de S. Paulo*, 4 out. 1968, p. 12).

Outro texto traz depoimentos de duas testemunhas com “visões panorâmicas dos acontecimentos”. Uma delas afirmou que os policiais orientavam onde os alunos da Mackenzie deveriam jogar seus coquetéis molotov, mas essa informação não teria sido confirmada. Na versão do comandante da Guarda Civil “sua corporação protegeu apenas o Mackenzie, e não a Filo-USP, porque os diretores desta faculdade não pediram policiamento preventivo”. A testemunha ainda afirma que os alunos da instituição privada levaram gasolina para dentro do campus e que um guarda teria dito “‘Hoje eles põem fogo naquilo’, referindo-se à Faculdade de Filosofia. O segundo observador, declara ter presenciado carabinas nos prédios da Mackenzie e policiais apontando metralhadoras aos jovens da rua” (*Folha de S. Paulo*, 4 out. 1968, p. 12).

A página seguinte dá espaço à manifestação feita pelos alunos da USP nas ruas centrais de São Paulo, apresentando fotos de depredações, como carros virados e itens queimados. O título do texto relata “Estudantes incendiam carros nas ruas de SP” e narra os momentos do passeata, com foco no comportamento dos manifestantes, e a intervenção policial. José Dirceu também tem destaque nesta redação, sendo retratado como líder do movimento. Um segundo texto divulga o posicionamento do governador, Abreu Sodré, que prometia por fim aos focos de agitação (*Folha de S. Paulo*, 4 out. 1968, p. 13).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1968, capa.

4 A batalha que não terminou

Em ambas as narrativas dos veículos de comunicação, percebemos que é dinamizado um imaginário dos jovens arruaceiros e agitadores, ideia que acompanha os demais relatos sobre as manifestações de 1968. O conflito não é problematizado e tratado com a seriedade que merece, o conteúdo é engessado e limitado ao cronograma dos acontecimentos. Apesar da evidente vantagem dos alunos da Mackenzie, tenta-se colocar os lados em iguais condições, muitas vezes supervalorizando a violência dos alunos da USP, de maneira semelhante a quando o discurso equipara forças militantes e militares. No caso do jornal carioca, percebe-se que o episódio consagra o caos que vinha sendo construído dia após dia e que é reconstruído na pesquisa de dissertação da autora, que olhou não só para este, mas para os principais acontecimentos políticos do



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

“ano que não acabou”. Há ideologia e há imaginário na narrativa, ambos sutis. O imaginário cria imagens que vão além das fotos apresentadas. É a imagem da camiseta ensanguentada levantada por José Dirceu, presente na narrativa da *Folha*; a imagem dos estudantes que exploram a morte do colega para fins ideológicos, criada pelo *O Globo*. A ideologia também está presente, é a esquerda contra a direita; os comunistas da universidade pública contra os moços da particular.

As narrativas analisadas são bastante semelhantes. Como diferença, o impresso local dedica maior espaço ao evento. Os dois destacam José Dirceu como líder da violência, incitador do caos. Apesar de citarem a presença de membros do CCC nas brigas, não aprofundam o papel desse grupo e sua influência sobre os estudantes da Mackenzie. Ambos jornais falam da ausência de intervenção das forças policiais sem fazer alguma crítica a isso. Na narrativa de 1968, chega a parecer normal uma “batalha campal” nas ruas de São Paulo. A morte não recebe o peso que merecia, aqui, o excedente de significação está a falta. Há falta de preocupação, há falta de questionamento, há falta de sensibilidade. A ideologia tira o peso do acontecimento, o imaginário transborda-o.

A Batalha da Maria Antônia é um episódio pouco lembrado atualmente, mas é emblemático por mostrar o nível ao qual a polarização política e a incivildade podem alcançar. Reconstituímos essa narrativa, desvelando o imaginário da disputa ideológica, para mostrar que a intolerância que percebemos em nossa sociedade contemporânea tem raízes que conectam o presente ao passado. Neste exercício, foi impossível não pensar nas questões do Brasil de 2019. A polarização política, hoje, chega a nível muito próximo e, talvez, o que nos resguarde de um conflito a céu aberto seja que o principal campo de disputa é online. O papel da universidade pública e o imaginário da “balbúrdia”, tão presentes na contemporaneidade, já eram discutidos lá atrás. O problema não era e não é o local, mas uma determinada ideologia, diferente da qual a imprensa tradicional se espelha.

Quando Zuenir Ventura nomeou 1968 de “O ano que não terminou” provavelmente não esperava que ele estaria tão vivo 50 anos depois. Os valores, o



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

conflito de ideologias, a polarização política, a negação da política partidária, a violência e a incivilidade... Está tudo aqui. A ditadura militar e seus horrores são feridas abertas em nossa sociedade e, como não foram resolvidas, costumam a fechar. Durand (1999) afirmou que uma mudança profunda no imaginário não pode ser alcançada em uma geração. A bacia semântica, ou seja, o ciclo de surgimento, cristalização e dissolução do imaginário demoraria algo em torno de três ou quatro gerações, cerca de 150 anos, para se realizar. Vivemos um terço deste tempo. Há muitos anos até superarmos.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

MAFFESOLI, Michel. "O imaginário é uma realidade" (entrevista a Juremir Machado da Silva). **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2011.

PERRONE, Fernando. **Relatos de guerra**: Praga, São Paulo, Paris. São Paulo: Busca Vida, 1988.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer?** Porto Alegre: Sulina, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento**. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.